



# IMPERIALISTAS E SOCIAL-IMPERIALISTAS FORA DE PORTUGAL

Se é precisa alguma coisa para caracterizar a política reacionária anti-popular e anti-patriótica dos MFAs, Governos Provisórios e Partidos da coligação, basta-nos analisar a sua política externa de ajoelhar a quatro patas perante as duas superpotências, a miserável venda a retalho do território, das riquezas naturais e da força de trabalho do povo português aos abutres estrangeiros, para os identificar como agentes directos do imperialismo e do social-imperialismo e da sua política de saque e de rapina. Aliás, a política externa dos sucessivos Governos Provisórios não é mais que o prolongamento da sua política interna de fome e miséria para o povo. O balanço dos dois anos que passaram depois do 25 de Abril, é o balanço da alienação da soberania e independência nacionais, que os diversos sectores da classe dominante procuram esconder através do falso recurso ao "auxílio" externo.

Qual é o principal inimigo do povo português? A resposta a esta questão é uma pedra de toque que distingue os verdadeiros dos falsos amigos do povo, os verdadeiros dos falsos «patriotas», «socialistas» e comunistas. Desde a sua fundação em 1970, que o MRPP indicou, pela primeira vez na história do movimento operário português, que o seu principal inimigo era o imperialismo. Antes do 25 de Abril, o imperialismo americano era incontestavelmente o amo e senhor da nossa pátria, tinha a direcção de toda a vida política da burguesia e do seu aparelho de estado. Depois do 25 de Abril e através da sua filial em Portugal, o partido do russo branco Barreirinhas Cunhal, o social-imperialismo revisionista soviético entra na «liça» e começa a disputar as suas posições ao imperialismo ianque.

Esses inimigos principais são-no porque dominam toda a nossa economia, controlam os seus sectores chave. É o domínio sobre o comércio externo e interno; é o domínio financeiro e tecnológico; é o controlo directo de sectores inteiros da indústria, do comércio grossista e dos serviços; é o domínio sobre a cultura e a educação; é a ocupação militar da nossa pátria; é o domínio sobre o exército e o aparelho de Estado da burguesia. Portugal constitui uma verdadeira neo-colónia dos imperialistas, um país subjugado aos interesses estrangeiros, de imperialistas e social-imperialistas.

Se os Governos Provisórios fossem Governos patrióticos teriam denunciado todos os tratados celebrados pela camarilha salazarista-marcelista, nas costas do povo e contra o povo, que são uma clara sujeição aos interesses do imperialismo estrangeiro, produto da política vende-pátrias do regime fascista. Mas não foi isso que fizeram. A política continua a ser a mesma. Só que agora se pretende retalhar a nossa pátria entre imperialistas e social-imperialistas.

A NATO, bloco militar criado pelo imperialismo ianque logo após a Segunda Guerra Mundial e que formaliza, mais do que nenhum outro, a submissão da burguesia portuguesa aos seus amos americanos é um instrumento de domínio e opressão imperialista atirado ao coração do povo português e dos povos da Europa, e que os sucessivos Governos Provisórios e respectiva coligação governamental aceitam caninamente. Para além destes, os acordos com o Mercado Comum, os acordos de tráfego de carne humana de milhares e milhares de emigrantes com o Governo francês e os de outros países, são intensificados.

Com a concordância destes Governos e Partidos traidores, mantém-se a ocupação militar da nossa pátria pelas tropas estrangeiras, fazendo do nosso país uma verdadeira praça de armas da agressão e da reacção mundiais. Bases e aeródromos militares ao serviço dos imperialistas no Montijo, Espinho, Beja, Lages e Porto Santo. Armazenagem de quantidades fabulosas de material de guerra, incluindo bombas atómicas e termo-nucleares na Fonte da Telha e em Setúbal. Centros de rastreio de foguetões e mísseis intercontinentais na Ilha das Flores. Centros de comunicações militares e civis em vários pontos do país e ainda o posto de comando da NATO para o sueste da Europa, o Comiberland em Oeiras. Milhares de agentes das sinistras e criminosas polícias secretas das potências estrangeiras, como a CIA e o KGB, passeiam-se arrogantemente pelo nosso país.

Com pés de lã, o social-imperialismo revisionista soviético começou também a entrar no nosso país, mas agora já cá está em força e a sua velocidade de penetração aumenta vertiginosamente em todos os domínios. Eles começaram pelos bailados, pelos teatros, óperas e coros, pelo cinema e o circo, pelas semanas culturais, etc. Seguidamente vimos desembarcar a sardinha, para sabotar, boicotar e derrotar a grande luta dos pescadores de Matosinhos. Começaram a tomar conta de uma parte dos sectores da cortiça e passaram a vender ao nosso país, coisas de que não temos necessidade nenhuma, como por exemplo as madeiras.

Pela mão dos social-fascistas do P" C" P acoitados no aparelho de Estado, nos Ministérios, Secretarias, Juntas, etc., intensifica-se a penetração do social-imperialismo soviético, os autênticos negócios da Rússia. É o caso do calçado exportado para a União Soviética a preços inferiores a cem escudos. São os contratos de venda de mais de um milhão de hectolitros de vinho ao preço de 4\$10, que já inclui 1\$50 por litro de despesas de transporte, o que dá uma venda ao preço de 2\$60 por litro. É de acrescentar que depois de comprarem o vinho a Portugal, os traficantes russos vão vendê-lo ao Canadá pelo dobro ou triplo do preço, do mesmo modo que vendem petróleo a Portugal, a um preço três vezes superior ao que pagam aos países do Médio Oriente.

Mas não ficam por aqui os social-imperialistas. Através do sector nacionalizado da economia, controlado pelos social-fascistas, e em nome das relações com os países "socialistas", acentua-se o controlo dos sectores chave da



economia pelos social-imperialistas russos, de que o comércio externo é o exemplo flagrante. Através da AMINTER, agência de navegação constituída por 49 % do capital soviético e 51 % do Estado português, as modernas frotas soviéticas passam a açambarcar o comércio externo do nosso país, o comércio das agências de navegação, carga, passagens, tráfego e fretamento, ameaçando de desemprego milhares de trabalhadores do mar. O mesmo sucede quanto aos transportes aéreos com os acordos estabelecidos entre a TAP e a empresa soviética AEROFLOT, nas costas dos trabalhadores. No domínio dos transportes temos ainda o controlo dos transportes rodoviários e ferroviários pelos social-fascistas.

As relações comerciais de dependência em relação à União Soviética sobem vertiginosamente. Em 1973 revertiam a nosso favor em 15 000 contos. Em 1974 já eram a favor dos russos em 22 000 contos e em 1975 atingem cerca de um milhão de contos em proveito dos revisionistas soviéticos. Com o reconhecimento da chamada República Popular de Angola, vai generalizar-se a dependência da economia portuguesa em relação aos social-imperialistas, que controlam o governo fantoche de Luanda. As relações económicas com Angola, como mercado e fonte de matérias-primas terão que passar a partir de agora pela sujeição aos ditames dos czares do Kremlin.

Sectores fundamentais da economia, ligados ao imperialismo, como as confecções, os têxteis, a construção de máquinas e material eléctrico, a indústria electrónica, etc, não foram beliscadas pelas nacionalizações. Os monopólios estrangeiros em Portugal continuam nas mãos dos imperialistas. Os monopólios nacionalizados passaram para as mãos dos agentes do social-imperialismo.

Assiste-se ao espectáculo grotesco dos chefes dos mais importantes partidos da classe dominante se disputarem entre si a clientela eleitoral, argumentando cada um deles ser mais eficiente que os outros na angariação de empréstimos. Não só Soares e Carneiro palmilham a Europa e os EUA com esse fim, como Barreirinhas Cunhal propõe o reforço das relações económicas com os países "socialistas", isto é, com os países situados na esfera de influência do social-imperialismo. O Partido dito "socialista" anuncia que a "Europa está connosco" trazendo a Portugal os dirigentes do capitalismo europeu, enquanto o C"D"S fascista reivindica também para si a Europa com as deslocações ao nosso país dos seus comparsas europeus. Para não ficar atrás Sá Carneiro percorre as capitais e os capitais da Europa, enquanto o russo Barreirinhas estende a mão aos rublos do czar Brejnev e pede ao Sol que lhe ilumine os seus golpes e contra-golpes. Tudo isto, não falando já das constantes deslocações do caixeiro-viajante Melo Antunes, agora mais atraído pelos países "socialistas", melhor dizendo, pelo social-imperialismo soviético.

São os empréstimos do Fundo Monetário Internacional, são os "empréstimos de emergência" da Comunidade Económica Europeia, são os acordos de "cooperação" económica, técnica e cultural com a Polónia, Checoslováquia, União Soviética, etc. Todos os dias entram e saem do país ministros, secretários e sub-secretários de estado, com as viagens pagas à custa do povo e com as pastas a abarrotar de contratos.

Tantos "amigos" que nós temos! Mas o povo desconfia dessas "ajudas" e desses "amigos". Feitas as contas, os resultados dizem-nos que o nosso país paga em cada ano mais em juros e na amortização das dívidas, do que aquilo que recebe em "ajudas", empréstimos esses cujos juros custam os olhos da cara, o suor e o sangue, dos trabalhadores. Essas aves de rapina imperialistas cravam-nos as garras no corpo e sugam-nos o sangue, e os seus lacaios no interior do C"D"S ao P"C"P, do P"S" ao P"PD" ainda lhe chamam "ajuda". Que auxílio é esse, quando os próprios países imperialistas e social-imperialistas se debatem numa crise profunda, quando na União Soviética existem alguns milhões de desempregados, nos EUA existem cerca de 9 milhões de trabalhadores no desemprego e só os quatro principais países europeus somam cinco milhões de desempregados? Que é isso se não resolver a sua crise à custa dos países que dominam como o nosso? O que isso significa é o esgotamento das divisas estrangeiras que já lá vão e das reservas em ouro que para lá caminham, ou seja para os cofres dos imperialistas e dos social-imperialistas, e em que no ano que passou rondou os 50 milhões de contos o défice das nossas relações comerciais com o estrangeiro.

Como elo mais fraco do capitalismo europeu e, portanto, da cadeia imperialista na Europa, Portugal é, hoje, o centro dos centros, o alvo principal disputado actualmente por imperialistas e social-imperialistas. Essas disputas pelo saque da nossa pátria, depois do 25 de Abril já levaram por três vezes a confrontos armados, em que uma das cliques intenta afastar a outra e ganhar a hegemonia da contra-revolução. Os sucessivos golpes e contra-golpes têm colocado o nosso país à beira da guerra civil. Após a tentativa falhada de golpe de Estado de 25 de Novembro, os social-fascistas do P"C"P são os que mais preparam um novo golpe contra-revolucionário com o objectivo de instaurar a sua ditadura social-fascista ao serviço do social-imperialismo soviético. Os agentes do KGB pululam por todo o país, dos Kalinine aos Barreirinhas até outros cães menores, preparando afanosamente o golpe.

A Independência Nacional é uma aspiração ancestral do nosso povo, é o objectivo central da Revolução Democrática Popular. Nenhum dos outros objectivos — o Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade, a Democracia — pode ser conquistado sem que o povo tenha varrido primeiro do nosso país o imperialismo americano, o social-imperialismo revisionista soviético e todos os seus lacaios. O povo português está, pois, colocado no centro da luta contra o imperialismo e o social-imperialismo. Ao expulsar-se um não se pode abrir a porta ao outro. O proleariado revolucionário, deve chamar a si essa grande reserva de patriotismo, esse grande destacamento que são os camponeses, juntamente com todos os democratas e patriotas, anti-fascistas e anti-social-fascistas, contando com as próprias forças para avançar no caminho dum economia independente e próspera. Um pequeno país que quer ser livre e toma o seu destino nas suas mãos é invencível!

A classe operária e o povo português têm um partido para os guiar na luta contra o imperialismo, o social-imperialismo e o hegemonismo das duas superpotências. Esse partido é o MRPP e a sua candidatura operária!

SECRETARIADO NACIONAL  
DA CANDIDATURA OPERÁRIA  
DO MRPP

Lisboa, 7 de Abril de 1976

Lê, a propaganda do Secretariado Nacional da Candidatura Operária.

A publicar:

VIVA O MOVIMENTO CAMPONÉS!

ABM